

Título original: *101 Dilemmas for the armchair philosopher*

Copyright © 2017 Quid Publishing

Concebido e produzido por

Quid Publishing, uma chancela de Quarto Group

Texto: *Eric Chaline*

Design: *Tony Seddon*

Ilustrações: *Matthew Windsor*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Ana Mendes Lopes*

Revisão: */Editorial Presença*

Composição: *Hugo Neves*

Impresso na China

Depósito legal n.º 460057/19

1.ª edição, Lisboa, março, 2020

Todos os direitos relativos à chancela Jacarandá
encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo • 2730 -132 Barcarena

info@jacaranda.pt • www.jacaranda.pt

facebook.com/jacarandaeditora

instagram.com/jacaranda_editora/

ÍNDICE

Introdução 6

PESSOAL 8

001 Boas maneiras no ar 10
002 O valor de um *latte* 12
003 Atos privados, danos públicos 14
004 Troca de comércio justo 16
005 Escolhas letais 18
006 Azar para alguns 20
007 Resmungão feliz 22

SOCIAL 24

008 Pequenas mentiras inocentes 26
009 Só a brincar 28
010 Pedir 30
011 Olho discriminatório 32
012 Pobreza de recursos 35
013 Oportunidades iguais 36
014 Não ao desperdício 38
015 À grande 40
016 Ler sobre o assunto 42

POLÍTICO 44

017 O aprendiz de torturador 46
018 Mãos sobre o mar 48
019 Desenvolvimento justo 50
020–024 Quem deve entrar? 52
025 Mentes fechadas 56
026 No lugar do condutor 58
027 Impostos 60
028 Um mundo de cão 62

LEI E ORDEM 64

029 Mais uma briga no bar 66
030 Patrão fora 68
031 O Grande Irmão observa 70
032 Perguntas pertinentes 72
033 Revolução justa? 74
034 Quais as alternativas realistas à não violência? 76
035 Três faltas e estás fora 78
036 Secreto e clandestino 80

GUERRA 82

037 A ideia de uma guerra justa ainda é relevante? 84
038 Matar combatentes 86
039 Matar não combatentes 88
040 Matar por controlo remoto 90
041 Robôs de guerra 92
042 Um mundo louco 94
043 Um negócio como outro qualquer 96
044 «Só estava a cumprir ordens» 98
045 Guerra e paz 100
046 Cultura apologética 102

MÉDICO 104

047 Os médicos deviam poder receitar placebos? 106
048 Será correto usar placebos em testes clínicos? 107
049 Confie em mim, sou curandeiro 108
050 Salvar uma criança por nascer 110
051 O direito de escolha feminino 112

052	Na cama com Vanessa	114
053	Testar ou não testar	116
054	Ele não é pesado...	118
055	Pais estilistas	120
056	Hipocrisia hipocrática	122
057	Vive e deixa morrer	124
058	A vida pela vida	126
059	Órgãos para venda	128

SEXUAL 130

060	Uma questão de consentimento	132
061	Os limites do consentimento	134
062	Uma questão de orgulho	136
063	Problemas de género	138
064	A profissão mais antiga	140
065	Coisas de rapazes	142
066	Pornografia reinventada	144
067	Quanto mais, melhor	146
068	Traições cibernéticas	148
069	Adultério sem culpas	150
070	Amantes cibernéticos zangados	152

CIÊNCIA 154

071	Ratinhos que brilham	156
072	Salvar animais	158
073	Ser humano	160
074	Acidentes de carros autónomos	162
075	Eu, médico	164
076	Violação robótica	166
077	O melhor que podemos ser	168
078	Conhecimento puro	170
079	Úteros artificiais	172

MUNDO NATURAL 174

080	Primeiro os humanos	176
081	Morto como o dodó	178
082	Proibição de caça	180
083	Tornar-se vegetariano	182
084	Cláusula de emissão de carbono	184
085	Salvar a Terra	186

VIDA E MORTE 188

086	O salva-vidas apinhado	190
087	O elétrico descontrolado	192
088	O homem gordo	193
089	O homem na rede	193
090	O golpe mais cruel	194
091	O dilema do prisioneiro	196
092	Dá que pensar	198
093	Instinto assassino	200

RELIGIÃO 202

094	Sofrer pela felicidade	204
095	A César o que é de César	206
096	Pessoas boas, coisas más	208
097	Proibição do burquíni	210
098	Guerras santas	212
099	Em nome do Pai	214
100	O juramento de Jefté	216
101	Aposte a sua vida depois da morte	218

Leituras adicionais	220
---------------------	-----

Índice remissivo	222
------------------	-----



INTRODUÇÃO

«Uma pessoa pode fazer mal às outras não apenas através dos seus atos, mas também das suas inações, e seja qual for o caso é igualmente responsável pelos danos que causou.»

— **John Stuart Mill (1806–1873)**

A palavra «filósofo» pode fazer lembrar um ancião grego muito sábio que se debate com questões metafísicas e estéticas, um estudioso do século XVIII que regista os pensamentos sobre a doutrina e os direitos naturais, ou um intelectual de óculos que se dedica a dissecar as minudências da linguística e da epistemologia. E, embora seja verdade que grande parte da filosofia se centra no obscuro, no abstruso e no abstrato, existe uma área muito prática desta disciplina que usamos nas nossas vidas diárias: a ética. Quando fazemos juízos de valor sobre a forma como nós, ou os outros, devemos comportar-nos em determinadas situações, estamos a fazer julgamentos de ética, escolhendo uma de três abordagens possíveis: uma que se centra no carácter e na intenção do agente moral (a ética da virtude), uma que observa a ação em termos da sua adequação a um conjunto de regras (a ética deontológica) e outra que avalia a moralidade da ação a partir das suas consequências (a ética consequencialista).

As nossas decisões éticas aplicam-se aos assuntos de maior importância, como a pena de morte, o aborto e o casamento homossexual, e aos mais mundanos, como «Devo fazer compras no comércio justo ou escolher as marcas mais baratas?» ou «Devo dar algumas moedas àquele sem-abrigo ou há formas mais eficazes de ajudar as pessoas desfavorecidas?» Em intervalos menos frequentes, através de eleições e referendos, é-nos pedido que tomemos decisões sobre problemas muito mais complicados que afetarão as nossas vidas e as dos que nos rodeiam, e potencialmente da nossa região, do país ou até do mundo inteiro.

Como usar este livro

Os 101 dilemas estão divididos em 11 capítulos temáticos que englobam os aspectos da vida pessoal e pública. Cada um dos dilemas é ilustrado por um breve cenário, com materiais adicionais explicativos, incluindo experiências de raciocínio, analogias e citações, que explicam as abordagens que os filósofos adotaram para os resolver. Muitos dos tópicos são tão complexos, que seria impossível mencionar todas as questões de ética que suscitam. Este livro não pretende ser um guia abrangente de filosofia moral, mas um ponto de partida para uma investigação na área da ética.

Foram raras as vezes em que incluí abordagens de sistemas de ética fechados, como o cristianismo, o judaísmo ou o islamismo (a não ser que um dos aspectos da própria fé seja o assunto do dilema em questão) porque estes sistemas de crença não admitem a existência de incertezas éticas. Todos prescrevem uma resposta certa a qualquer problema com o qual os fiéis se deparem. No caso do aborto, por exemplo, um cristão católico fundamentalista dirá sempre que a santidade da vida ultrapassa todas as outras considerações. Este livro não foi escrito para fornecer ao leitor respostas simplistas para problemas humanos complexos, mas para o equipar de algumas ferramentas filosóficas que o poderão ajudar a tomar decisões éticas informadas sobre assuntos mais ou menos importantes.

((Aja de maneira a tratar a humanidade, seja a sua ou a de outra pessoa, nunca como um meio para atingir um fim, mas sempre como um fim em si mesma.))

– Immanuel Kant (1724–1804)

PESSOAL

*«Nenhum homem é uma ilha isolada;
cada homem é uma partícula do
continente, uma parte da terra.»*

– John Donne (1572–1631)

001 BOAS MANEIRAS NO AR

Bill está a bordo de um avião com a mulher e os dois filhos, Tina, de oito anos, e Matt, de dez. Do outro lado do corredor, um jovem casal está a beber e a falar alto. Bill olha para a mulher, Cindy, e revira os olhos, como quem diz: «Os jovens de hoje!» Porém, é evidente que Cindy quer que ele diga alguma coisa. Felizmente para Bill, o passageiro que vai sentado atrás dos dois jovens levanta-se e pergunta-lhes se «podem fazer menos barulho», pedido que eles acatam.

Mais tarde, o casal começa a «brincar» por baixo de um cobertor fornecido pela empresa aérea. Era óbvio para qualquer pessoa que estavam dedicados a um comportamento que é considerado inapropriado num local público. Bill sorri e pensa: «Arranjem um quarto.» Cindy não está a achar muita graça, mas o homem que anteriormente interveio não consegue ver o que estão a fazer e é pouco provável que proteste agora também. Tina e Matt estão a dormir, mas podem acordar e ver o que se passa. Bill não se sente ofendido, mas a sua mulher sim, e, claro, tem de pensar em Tina e Matt e no exemplo que aquele casal está a dar. Deverá Bill dizer alguma coisa ou chamar um assistente de bordo?

Tomar liberdades

O grande defensor da liberdade individual John Stuart Mill afirmou que as únicas leis que devem ser impostas à força aos cidadãos livres são aquelas que impedem que estes causem danos a outros. As leis contra o homicídio, a violação e o roubo, em que o «dano causado a outros» é evidente, são fáceis de criar. Mas e quando o assunto é uma falha nas «boas maneiras»?

Podíamos pensar que Mill, considerando a sua definição de dano, acharia que uma pessoa que é rude, pouco atenciosa ou até indecente em público não pode e não deve ser censurada pelo seu comportamento, quanto mais sujeita a uma interferência forçada. No entanto, como podemos ver na citação reproduzida na página seguinte, embora Mill não mostre a menor objeção em relação aos comportamentos de uma pessoa em privado, concorda que, quando em público, qualquer violação das «boas maneiras» encaixa na categoria de «danos contra outros». Estará Mill a ser hipócrita, inconsistente ou apenas a avançar com uma interpretação mais variável de «dano»?

Bill tem de analisar os direitos do jovem casal à sua privacidade e os danos que estão a causar à sua mulher e os que potencialmente poderão provocar nos seus filhos.



BOAS MANEIRAS:
SERÃO
SIMPLEMENTE
CONVENÇÕES FORA
DE MODA QUE DEVEM
DESAPARECER OU SERÃO
O ÓLEO QUE LUBRIFICA AS
INTERAÇÕES SOCIAIS E IMPEDE
QUE A SOCIEDADE DEGENERE NO CAOS?

«Existem muitos atos que, embora possam ser injuriosos para os próprios agentes, não deviam ser legalmente interditos, mas que, quando praticados em público, constituem uma violação das boas maneiras e passam a entrar na categoria de ofensas que causam danos aos outros, logo, são justamente proibidos.»

— John Stuart Mill

002 O VALOR DE UM LATTE

O ordenado de Sally não é muito alto, por isso não pode dar-se a grandes luxos. Porém, todos os dias, quando se dirige para casa, permite-se comprar um *latte* grande no café. É um pouco caro, mas para Sally vale cada cêntimo.

Certa noite, ao ir para casa, é abordada por um colaborador de uma campanha de solidariedade, que lhe diz que o preço daquele *latte* é o suficiente para pagar o tratamento que salvaria a visão de uma pessoa no mundo subdesenvolvido. Quando pesa a perda daquele seu prazer fugaz contra a perda permanente da visão de alguém, sente-se obrigada a prescindir dos seus *lattes* e doa o dinheiro para a campanha de solidariedade. Quando passa pelo café, sente uma tristeza momentânea por ter perdido aquele seu pequeno prazer, mas também se sente contente por estar a fazer o que «é certo».

Na noite seguinte, o colaborador da campanha já não está lá. Mas Sally não consegue deixar de pensar que, se estivesse, ela poderia prescindir novamente do seu *latte* e salvar a visão a outra pessoa. Quando passa pelo café, para e olha pensativamente através da montra, questionando-se se alguma vez voltará a conseguir apreciar o seu *latte* como antes.



DE VEZ EM QUANDO, TODOS GOSTAMOS DE PEQUENOS MIMOS, MAS NÃO HÁ SEMPRE QUALQUER COISA MAIS VÁLIDA NA QUAL PODEMOS GASTAR O NOSSO DINHEIRO?

Pode dispensar-me um... *latte*, amigo?

O filósofo australiano contemporâneo Peter Singer afirma que aqueles que têm segurança financeira têm também o dever moral de ajudar a reduzir a pobreza e a aliviar os seus efeitos. Segundo Singer, «... o fracasso das pessoas nas nações mais ricas em fazerem sacrifícios significativos para ajudar aquelas que estão a morrer devido a problemas relacionados com a pobreza é eticamente indefensável. Não se trata apenas da ausência de solidariedade, muito menos de santidade moral. É errado, e não podemos afirmar ser pessoas moralmente decentes a não ser que façamos muito mais do que alguém tipicamente confortável em termos financeiros faz».

O seu argumento é, essencialmente, que, se estiver ao nosso alcance aliviar significativamente o sofrimento de alguém com um custo comparativamente reduzido para nós, então devemos fazê-lo. É um argumento razoável? Se não, porquê?

Experiência cognitiva: a criança a afogar-se

Imagine que vai a passear perto de um lago e vê uma criança a afogar-se. O lago não é fundo, por isso sabe que pode salvar a criança sem que isso coloque a sua vida em risco. Porém, a água está imunda e naquele dia tem vestido um fato caro. O que deve fazer?

É evidente que tem a obrigação moral de salvar a criança, uma vez que a vida de uma criança é incomparavelmente mais valiosa do que o seu fato.

Experiência cognitiva: o paciente com tracoma

Está a visitar um hospital num país subdesenvolvido e conhece uma criança que sofre de tracoma, uma infeção ocular que pode tornar-se terrivelmente dolorosa e conduzir à perda da visão. Infelizmente, o hospital esgotou a reserva de antibióticos adequados a este caso e não tem fundos para comprar mais. Mas por uma pequena quantia – não mais do que o preço de um café na sua terra – pode comprar um medicamento de dose única que cure a infeção desta criança.

Terá a obrigação moral de o fazer? E quanto a Sally, não será essencialmente esta escolha que enfrenta todas as noites?